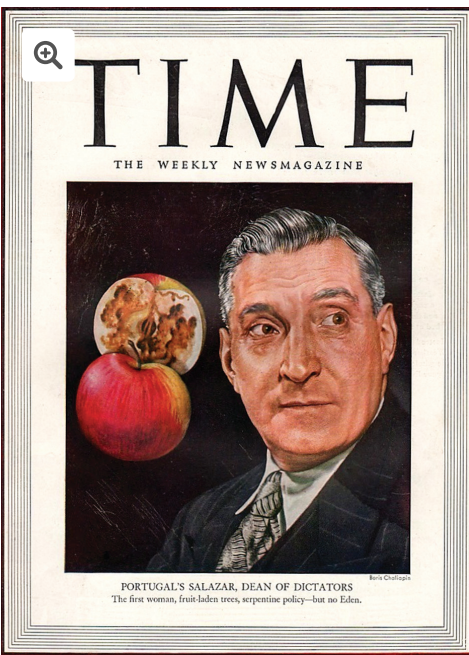


## INFORMAR

## Representações do séc. XX: o tempo histórico e os acontecimentos políticos – Portugal



Salazar, capa da revista Time, edição de 22 de julho de 1946.

## PROFESSOR

## Sugestão ao professor:

Propõe-se a exploração da imagem da capa da revista Time, considerando:

- a figura de Salazar em primeiro plano (símbolo da autoridade);
- a imagem da maçã cortada, em segundo plano, com boa aparência, mas podre (metáfora do regime);
- simbolismo da cor preta;
- Legenda da imagem (“Salazar de Portugal, o decano dos ditadores. A primeira mulher, árvores carregadas de frutos, políticas intrincadas – mas sem paraíso.”)

Helena Kaufman, “A meta-ficção historiográfica de José Saramago”, *Colóquio/Letras*, n.º 120, abril-junho de 1991, pp. 134-135.

O ano da morte de Ricardo Reis concentra-se num outro elemento do discurso histórico: o compromisso ideológico. A leitura irónica que o narrador faz dos jornais da época, em conjunto com o discurso revolucionário-popular de Daniel, revela a ideologia do estado salazarista e mostra como essa ideologia, explorando os mitos do passado, contamina a visão da História. A evocação nacionalista da história da pátria portuguesa aproveita-se de grandes mitos históricos: o do império, que, por sua vez se apropria do discurso camoniano, e o do messianismo português ou da missão portuguesa/cristã do mundo. O mito messiânico é explorado de duas maneiras: como justificação da existência e da defesa do império colonial em nome da proteção de “raças inferiores” e como uma missão mundial que transforma Salazar, o salvador da moralidade cristã resumida na trindade Deus, Pátria, Família, no salvador da civilização ocidental na sua luta contra a heresia comunista.

O narrador de *O ano da morte de Ricardo Reis* denuncia essa ideologia, recorrendo à técnica da apresentação contrastiva. Assim, a glorificação de Salazar e da ordem e prosperidade anunciadas nos jornais portugueses e estrangeiros é contrastada com as cenas da vida nos bairros populares e na zona rural – a falta de higiene, o crime, a pobreza e o analfabetismo, às vezes perdidos nas páginas dos mesmos jornais. Os abusos ideológicos da religião são denunciados ironicamente por Fernando Pessoa: “Eu a julgar que tinha ido longe de mais no atrevimento quando chamei santo a Portugal, e vem um príncipe da Igreja, e proclama que Portugal é Cristo”.

O narrador ataca também as manipulações do texto camoniano. Enquanto obra literária, a epopeia desempenha um papel crucial na criação da mitologia nacional e funciona, ao mesmo tempo, como fonte popular do conhecimento histórico. Tal qual outro discurso, que se materializa através das palavras, o texto de *Os Lusíadas* não só já tem inscrito em si uma certa ideologia mas também pode ser manipulado e deslocado do seu contexto original. Assim, a ideologia salazarista celebra Camões como “cantor sublime das virtudes da raça” e serve-se das suas palavras; como tristemente observa Ricardo Reis: “veja o Camões, onde estão as palavras dele”. O estado fascista é um exemplo extremo de exploração da História, mas prova que ela sempre se escreve num contexto e não pode existir objetivamente sem carga ideológica.

1. Assinale, no seu caderno, como verdadeiras ou falsas, as afirmações. Corrija as falsas.

- A ligação do messianismo português à ideologia do Estado Novo é visível, por exemplo, no facto de Salazar ser visto como um salvador.
- O Estado Novo apropria-se do discurso de Camões para difundir a ideia da sublimidade do povo português.
- O narrador de *O ano da morte de Ricardo Reis* partilha da ideologia política do Estado Novo e, por isso, os factos relatados têm por base o discurso propagandista dos jornais.

## Linguagem e estilo: o tom oralizante e a pontuação; reprodução do discurso no discurso

Na verdade, a primeira impressão que se tem ao ler um texto de Saramago é que o seu estilo, a sua linguagem surgem de forma intempestiva, mas também propositada, alterando as regras tradicionais.

A linguagem de Saramago reinventa a escrita, combinando características do discurso literário com o discurso oral, construindo uma narrativa marcada por uma espécie de conversa entre o narrador e o narratário.

Assim, a prosa de Saramago apresenta como marcas essenciais: a ausência de pontuação convencional, sendo a vírgula o sinal de maior relevância, marcando as intervenções das personagens, o ritmo e as pausas; o uso de maiúscula no interior da frase; o emprego de exclamações e “apartes”, a utilização predominante do presente – marca do fluir constante do narrador entre o passado e o presente; a mistura de discursos – direto, indireto, indireto livre e monólogo interior – que aponta para uma reminiscência da tradição oral, em que contador e ouvintes interagem; a coexistência de segmentos narrativos e descritivos sem delimitação clara; a presença constante de marcas de coloquialidade construídas pela relação narrador/narratário; a intervenção frequente do narrador através de comentários, o que dificulta a identificação das vozes intervenientes.

Aqui, o discurso reflexivo é também construído pelo emprego de aforismos, provérbios e ditados populares que introduzem no discurso narrativo a peculiar característica da linguagem corrente e familiar.

A presença desta cultura popular é uma das características mais marcantes da criação romanesca do escritor português José Saramago (cultura a que não é alheio, aliás, o próprio Fernando Pessoa) e permite a reconstituição da oralidade na sua obra.

A escolha de um léxico propositadamente coloquial aliada à utilização de estruturas morfossintáticas simples (típicas da modalidade oral) conquistam o leitor e, neste caso, dão um sabor estranho, mas interessante, ao discurso poético conhecido do heterónimo pessoano.

Maria Fernanda Miranda Gomes Moreira Barbosa, *O ano da morte de Ricardo Reis: romance pós-moderno?*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2010, pp. 62-68 (com supressões).

- Retire, dos excertos 6 e 10, três marcas distintas do tom oralizante de Saramago que o texto acima enuncia.
- Comprove, transcrevendo dos excertos analisados, o uso de diferentes modos de reprodução do discurso no discurso.
- Reescreva o segmento abaixo, seguindo a norma-padrão do português atual na sua modalidade escrita.

“Ricardo Reis perguntou, Que barco é aquele, teve sorte, calhou dar com um entendido, É o Afonso de Albuquerque.” (excerto 10, ll. 156-158)

## PROFESSOR

Leitura  
7.3; 7.4; 8.1

Educação Literária  
16.1

1. Excerto 6:

– conversa entre o narrador e o narratário: “hoje somos um povo muito contente, acredite” (l. 111);

– intervenção do narrador através de comentários:

“para que se entenda bem que não temos mais que ver com a apagada e vil tristeza de que padecíamos no século dezasseis” (ll. 109-111);

Excerto 10:

– estruturas morfossintáticas simples, mistura de discursos:

“uma mulher gritou, Ai que é uma revolução, e largou a correr, calçada acima” (ll. 153-154).

2. Discurso direto: “Dizem que foi chamado à polícia internacional” (excerto 3, ll. 50-51).

Discurso indireto: “Ficou Ricardo Reis a saber que a polícia onde terá de apresentar-se na segunda-feira é lugar de má fama e de obras piores que a fama” (excerto 3, ll. 54-56).

Citação: “Sem dúvida os sindicatos nacionais repelem com energia o comunismo” (excerto 8, l. 138).

Discurso indireto livre: “Era então ali que ia o irmão de Lídia, o marinheiro Daniel, a quem nunca vira” (excerto 10, ll. 158-159).

3. Ricardo Reis perguntou:

– Que barco é aquele?  
Teve sorte, calhou dar com um entendido:  
– É o Afonso de Albuquerque.

## 20 AULA DIGITAL

■ Animação  
– As características do Estado Novo

1.

a. V

b. V

c. F – Ainda que o narrador reproduza o relato propagandista dos jornais, fá-lo de forma irónica. Além disso, o facto de apresentar situações reais que contradizem esse discurso demonstra a sua rejeição da ideologia do Estado Novo.



INFORMAR

Representações do séc. XX: o tempo histórico e os acontecimentos políticos – Europa

Espanha

O ano de 1936 é fundamentalmente o ano da Guerra em Espanha.

Mas o ano iniciara-se com promessas alentadoras brevemente desfeitas. A esquerda saía vitoriosa das eleições populares e a república acentuava novamente com opções mais genuinamente democráticas, acompanhadas de uma agitação social que alarmava proprietários, patrões, militares e Igreja. O governo durou pouco: de fevereiro de 1936 a 18 de julho do mesmo ano, nada mais que cinco meses em que, como na França, a Frente Popular se tornara vitoriosa.

Em 18 de julho, o Golpe de Estado feito para durar vinte e quatro horas e que se prolongou por três anos de lutas contínuas começa a pôr fim à jovem república democrática.

Todo esse cenário de contínuas agitações é trazido, de uma forma ou de outra, à presença de Ricardo Reis e dos portugueses.

As notícias de Espanha chegam a Ricardo Reis por dois veículos, diversos enquanto forma, mas fundamentalmente similares a nível ideológico: os jornais portugueses e os emigrantes espanhóis refugiados em Portugal. Não há nenhum esforço próprio da parte de Ricardo Reis para analisar os dados fornecidos e descobrir as suas contradições. O jornal é mais um meio de preencher o vazio existencial (ou de escapar a ele) do que um desejo de investigar o tempo para nele exercer a sua opção de vida. Com efeito, esta posição de submissão que absolutiza a informação atribuindo-lhe um caráter de verdade incontestável não está, necessariamente, ligada ao nível cultural do fruidor (e nem seria este o caso de Ricardo Reis), mas à sua capacidade, à sua intenção de se desinstalar, de assumir posições, de agir. Por isso mesmo, torna-se evidente o contraste entre essa passividade e a postura lúcida do Daniel, irmão de Lídia, revolucionário de esquerda, que se faz voz presente nas palavras da irmã a Ricardo Reis.

França

O panorama de 1936 é nitidamente marcado pela presença de crises políticas ora de tendência democrática ora de tendência totalitária. Notícias da vitória da esquerda são veiculadas em Portugal pelos discursos reacionários dos periódicos sujeitos à censura prévia, como era de se esperar num tempo de ditadura. Esses discursos que o discurso maior acolhe são, entretanto, subtilmente apresentados pelo narrador como informações e julgamentos que não lhe competem e com os quais não compactua. Inseridos no corpo do romance, onde a voz do narrador lhes é contrária, funcionam ironicamente como demonstrações pelo absurdo, que exigem a cumplicidade do leitor para descodificar a mensagem pelo avesso. A referência à situação em França faz parte de um desses discursos do outro – “são palavras do periódico” – em que se louvam as alegrias portuguesas, a aliança com Hitler, a perda de significação das comemorações do Primeiro de Maio, fazendo-se ainda um parêntesis para lamentar a Espanha republicana e a França da Frente Popular.

Itália

A Itália fascista é um dos espetáculos mais significativos da Europa de 36.

O nacionalismo é um componente essencial da psicologia e da ideologia fascistas. Os antigos combatentes julgam-se imbuídos da missão de velar para que o sacrifício do passado não tenha sido em vão. Do nacionalismo ao imperialismo a distância não é grande e a Itália não pretende ficar aquém dos primeiros passos da Alemanha rumo ao sonho da hegemonia europeia. Encontra, então, na Etiópia, o terreno ideal para exercitar a sua ambição, já que esta conquista lhe permitiria unificar o seu império na África Oriental.

A Etiópia era, no entanto, um dos únicos territórios independentes de África e a sua anexação às colónias italianas não se podia justificar pela razão habitualmente alegada de ser um território não civilizado que só viria a beneficiar com a gerência italiana. No caso etíope, o país era membro da Sociedade das Nações, criada em 1920 para manter a paz e estimular o desenvolvimento da cooperação entre os povos. A sua invasão deveria ter sido considerada como uma ameaça à integridade de uma nação. Não foi entretanto este o resultado: dos países que poderiam pressionar a Itália, só a Inglaterra se colocou favorável a uma política de firmeza. A França hesita, teme que a sua oposição lance a Itália numa aliança com a Alemanha o que ocasionaria o fortalecimento do bloco da extrema-direita, por fim evidente na constituição do Eixo Roma-Berlim.

Alemanha

A Alemanha de Hitler merece um espaço mais recorrente no corpo do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. Esse desejo de reprodução de uma imagem considerada quase perfeita – “quem me dera ser alemão” – advém não só do facto de a Alemanha ser uma nação já então alinhada entre as potências europeias, entre as quais Portugal não figurava – “Claro que na Alemanha o povo é outro” – como também das semelhanças ideológicas que uniam os dois países, justificando propagandas favoráveis ao regime, intercâmbios culturais, visitas, semelhanças entre os chefes políticos.

Para confirmar a ascendência alemã sobre os portugueses, não faltaria o modelo humano que é, evidentemente, Hitler. Diante dele, o discurso do narrador é fundamentalmente irónico, assumindo, como seu, o ponto de vista do outro, comprometido pela ideologia do poder, para destruí-lo, arditosamente, a partir de uma perspetiva interna. São assim as observações sobre a falência dos portugueses em imitar a Alemanha onde “o povo é outro”. Na terra lusíada “não é possível ser solene, não é possível oferecer a vida no altar da pátria, devíamos era aprender com os ditos alemães”. Todo esse panegírico é evidentemente falso e, pouco a pouco, o discurso vai revelando as chaves para a descodificação da ironia, não só por coerência ideológica interna com atitudes anteriores, como também por comentários feitos ao nível da verdade, ora através de uma mera constatação – “O tempo tem melhorado, o mundo é que vai pior” – ora num discurso comprometido com a emotividade, que desvia temporariamente o irónico para o passional.

Teresa Cristina Cerdeira da Silva, José Saramago: entre a história e a ficção: uma saga de portugueses, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, pp. 107-120 (com supressões e adaptado).



Diário de Lisboa, edição mensal n.º 1, 1933.



Camaradagem da derrota, c. 1934, Hein Semke, Fundação Calouste Gulbenkian.

PROFESSOR

Leitura 8.1; 8.2

**Nota:** Apresente antecipadamente aos seus alunos a atividade de **Expressão Oral** da página 242. Assim, a leitura destes textos da rubrica **Informar** e o visionamento das animações disponibilizadas em 20 Aula Digital constituir-se-ão como documentos de apoio à planificação da **Exposição oral** solicitada.

20 AULA DIGITAL

- **Animação**
  - *A Guerra Civil espanhola*
  - “Guernica”, Introdução
  - *Regime totalitário*
  - *Nacionalismo e Imperialismo*
  - *A caminho da Segunda Guerra Mundial*
- **Documento**
  - *Guernica*, c. 1937, Pablo Picasso, Museu Rainha Sofia, Madrid
  - Simbologia da estátua *Camaradagem na derrota* (1934), de Hein Semke